

A SITUAÇÃO DAS TRABALHADORAS NA CHINA: DO DESPOTISMO FABRIL À EXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO[1]

THE SITUATION OF WORKERS IN CHINA: MANUFACTURING OF DESPOTISM THE EXPLOITATION OF LABOR FORCE

José de Lima Soares*

A autora foi correspondente do *The Wall Street Journal* em Pequim durante dez anos. Filha de imigrantes é graduada pela Universidade de Harvard em História e Literatura Americana. Trabalhou como jornalista na República Tcheca, em Hong Kong e em Taiwan.

Leslie Chang faz um relato da realidade chinesa a partir da história de vida de duas jovens migrantes que buscavam ascensão social trabalhando nas linhas de montagem das fábricas de Dongguan. Procurou demonstrar que o crescimento econômico e o desenvolvimento do progresso técnico não correspondem à melhoria das condições de vida da classe trabalhadora. Leslie Chang não é uma militante de esquerda, nem socialista, mas consegue trazer à tona as contradições do sistema vigente em uma sociedade complexa, marcada por profundas desigualdades sociais. Não é preocupação da autora fazer uma pesquisa rigorosamente científica; seu trabalho constitui-se em um *Best-seller* que tem o mérito de trazer para o ocidente informações de há muito desconhecidas e ignoradas.

Desde a revolução de 1949 e a constituição da China em República Popular, passando pela chamada Revolução Cultural, sob a direção política de Mao Tsé-Tung e do Partido Comunista Chinês, até nossos dias, a classe trabalhadora nunca conseguiu construir uma sociedade fraterna, igualitária e socialista e muito menos comunista, como sugerem a imprensa capitalista ocidental e a burocracia parasitária encastelada no poder. Os atributos de uma sociedade comunista – tomando-se como ponto de partida a concepção marxiana – estaria bem distante dos horizontes da sociedade chinesa. Para

* Doutor em Sociologia pela UnB - é professor do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG/CAC, autor dos seguintes livros: **O PT e a CUT nos anos 90:** Encontros e Desencontros de Duas Trajetórias (Fortium, 2005), **Sindicalismo no ABC Paulista:** Reestruturação Produtiva e Parceria (Universa, 2006); e de **Ensaios de Sociologia do Trabalho** (Editora Ciência Moderna, 2011). É membro do Comitê Editorial da revista Antítese – Marxismo e Cultura Socialista. E-mail: odijas@uol.com.br.

[1] Resenha da obra: CHANG, Leslie T. **As garotas da fábrica** – da aldeia à cidade, numa China em transformação. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

Marx, o comunismo seria mais do que uma mera forma político-estatal em que colocaria a humanidade em um patamar da história onde não haveria lugar para a exploração do homem pelo homem e que culminaria na passagem do "reino da necessidade para o reino da liberdade"; a sociedade dos "produtores livres". Esse fenômeno, nem de longe, ocorre na China de nossos dias. O problema é que o marxismo vulgar protagonizado pela social-democracia e pelo estalinismo passaram a designar como socialista ou até inadequadamente de comunista qualquer sociedade em que ocorre um processo de socialização dos meios de produção. A história tem demonstrado sobremaneira a partir das experiências tanto da ex-URSS, bem como do leste europeu, Cuba e a própria China, que tudo isso se torna insuficiente; não basta expropriar os expropriadores e nem abolir a propriedade privada dos meios de produção para se chegar a uma sociedade dos "produtores livres e associados". A questão é bem mais complexa, como tem demonstrado Istvan Mészáros em sua obra *Para além do Capital* (2002). Ricardo Antunes (1997), na linha de Mészáros, tece algumas considerações: "A herança (só parcialmente modificada) da divisão social do trabalho, o atraso de suas bases técnicas e sociais, bem como a vigência do reino da escassez, fizeram com que aqueles países fossem incapazes de romper a lógica mundial do sistema produtor de mercadorias" (ANTUNES, 1997, p. 165). Com isso, o que se observou foi uma subordinação, cada vez maior, ao que Mészáros chama de *sistema metabólico de controle social do capital*. O capital enquanto sistema de comando e orientado para a acumulação. Esse tipo de situação se refletiu no antigo sistema soviético onde a acumulação fora politicamente imposta pela burocracia estatal. Esse sistema entrou em colapso e ruiu como um castelo de cartas.

Quem, nos dias atuais, não tem observado em uma mercadoria comprada em tantas feiras e lojas do país a expressão *Made in China*? A China se tornou uma das maiores potências econômicas, e muitos livros e artigos nos últimos anos tem como o alvo o surgimento deste avanço industrial do país asiático. Uma força de trabalho abundante e barata, jornadas de trabalho antediluvianas, precarização do trabalho são alguns dos elementos constitutivos da sociedade chinesa. Entretanto há algo que nós, ocidentais, não conhecemos, o que ocorre por trás desse gigantesco crescimento. Faz uma abordagem diferente, que investiga a vida profissional e pessoal das jovens operárias das fábricas que sustentam o crescimento econômico chinês.

Desde os anos de 1970, a China vem testemunhando a maior migração na história humana, segundo Chang três vezes mais do que a América recebeu da Europa ao longo do século passado. Atualmente existem entre 130 e 200 milhões de trabalhadores migrantes na China. Algumas décadas antes, uma aldeã só poderia imaginar viver e morrer no mesmo lugar que sua família vem cultivando durante gerações. Mas o crescimento econômico do país permitiu que qualquer jovem, independente do sexo, se aventure

longe da previsibilidade sufocante da vida camponesa e experimente a oportunidade e o risco das fábricas nas cidades. Com uma expressão simples definindo suas vidas: *chuqu*, ir embora. "Eu não tinha o que fazer em casa, e então fui embora. É assim que começa a história de um migrante" (p. 18).

Escrito por uma descendente de imigrantes chineses, o que confere ao livro a sensibilidade necessária para que se demonstre como a mudança da população rural para as grandes cidades marca o destino de famílias inteiras, e transformou a sociedade chinesa. Neste livro, Chang, ex-correspondente do *The Wall Street Journal*, relata a prosperidade que Dongguan conseguiu. A cidade, na província de Guangdong, é conhecida pelas suas gigantescas fábricas – com até cinema, hospital e Corpo de Bombeiros próprios – que produzem um terço de todos os sapatos do planeta, além de roupas de todos os tipos e trinta por cento de CD-Roms do mundo. São mais de 70 000 funcionários, a grande maioria mulheres. Seu foco é retratar essa realidade por meio da trajetória de duas jovens que buscavam ascensão social nas linhas de montagem das fábricas.

Para a autora, Dongguan é uma expressão perversa da China em seu extremo, poluída, caótica e corrupta, cujos moradores se acotovelam, sujeitos de suas próprias vitórias e tragédias, entre a ambição e a indiferença de vencerem. Com uma jornada de trabalho média superior a 49 horas semanais, podendo ser prorrogada, o salário dos recém-chegados podem duplicar ou até mesmo triplicar. Outro ponto abordado é a busca por melhores empregos, uma atividade constante, que acaba se tornando uma forma de reinvenção de si mesmo. Além da falta de qualificação – que pela ética local não era fator impeditivo para se assumir determinado cargo –, as trabalhadoras sempre se iam, abreviando as poucas amizades cultivadas. Elas só podiam contar consigo mesmas.

Para a autora, *As garotas da Fábrica* parecem viver em um "presente perpétuo". Elas abandonam a base confucionista da cultura tradicional chinesa para uma vida improvisada na qual o tradicionalismo e a lealdade filial foram substituídos por uma rápida ascensão social, um individualismo sem precedentes e uma perseguição obsessiva de um futuro mais próspero.

Resultado de três anos de investigação sobre as relações profissionais e interpessoais das operárias chinesas, um retrato social e humano de alcance global. Por meio da trajetória de duas jovens, Lu Qingmin e Wu Chunming, expõe o universo desses migrantes: dos momentos que chegam à cidade, a entrada nas fábricas, os bares de caraoquê que funcionam como fachadas para a prostituição, a solidão e o isolamento. O mérito do trabalho de Chang é a intimidade com que apresenta a vida destas duas mulheres, um retrato excepcionalmente sagaz, nítido e sensível dos dramas do cotidiano, e dos temores e aspirações, de pessoas reais que estão alimentando a explosão econômica da China contemporânea.

Os ritmos de trabalho das empresas são extenuantes, excedendo muitas vezes 12 a 16 horas. O crescimento chinês se baseia nos baixos custos de uma mão de obra superexplorada. Os baixos salários e a falta de regulamentação trabalhista são os grandes atrativos das empresas multinacionais. Se em 1983, os salários representavam 56,3% do PIB, em 2005 esse índice baixou para 36,7% (Observatório da Política Chinesa). No entanto, devido à crise econômica, os salários foram corroídos pela inflação. A inflação já registra 3,1%, segundo o Bureau Nacional de Estatísticas. Mas analistas prevêem que ela vai ultrapassar os 4%. A "oficina do mundo" depende fortemente da importação de alimentos, o que tem provocado um aumento do custo de vida.

Os sindicatos são controlados pelo governo, ou seja, sempre estão ao lado da patronal, por isso qualquer luta que pretenda obter algum tipo de conquista é realizada de forma independente. Nem mesmo uma tímida lei de contratação trabalhista aprovada em 2007 é respeitada. Na ausência de fiscalização, nenhuma empresa a cumpre. A onda de suicídios na empresa de informática Foxconn instalada na China mostrou todo o drama das condições de vida dos operários. A empresa, que fornece produtos às multinacionais como Dell, HP, Nintendo, Apple, entre outras, registrou pelo menos 11 suicídios de funcionários devido às terríveis condições de trabalho. Os trabalhadores da Foxconn dormem em edifícios fornecidos pela empresa e cumprem jornadas de até 70 horas semanais. Como se não bastasse, a Foxconn paga 900 yuans (US$ 132) como salário base para um trabalhador da linha de montagem. Os trabalhadores da empresa, porém, se mobilizaram contra a falta de condições de trabalho, e conseguiram arrancar um aumento de 33% dos salários.

As condições de trabalho se assemelham àquelas apresentadas por Engels em sua obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de 1844/45. As fábricas são ao mesmo tempo local de trabalho e dormitório. A autora cita o fato de as jovens dormirem amontoadas em um pequeno quarto em condições precárias: "Dormiam doze garotas em um quarto, e naquele ambiente clastofóbico do dormitório era melhor guardar segredo. Algumas entravam para a fábrica com carteiras de identidade emprestadas e nunca diziam a ninguém os verdadeiros nomes. Outras só conversavam com colegas de sua província de origem, mas isso tinha lá seus riscos: o disse me disse percorria célere o caminho da fábrica até a aldeia, e quando elas voltavam para casa, as tias e as avós sabiam quanto tinham ganhado, quanto tinham economizado e se saíam com os rapazes [...] As garotas estavam sempre falando em ir embora. As operárias tinham obrigação de permanecer durante seis meses, e mesmo assim nem sempre eram autorizadas a partir. A fábrica retinha os dois primeiros salários; ir embora sem autorização significava perder esse dinheiro e começar do zero em outro lugar. Ali estava um fato

dessa vida na fábrica que as pessoas de fora não sabiam: entrar para uma fábrica era fácil; o difícil era sair" (p. 12).

Leslie Chang divide o livro em duas partes: A cidade e a Aldeia. A primeira parte relata a vida de várias meninas que deixaram os campos, onde viviam com seus pais e irmãos, para tentar conseguir um emprego nas fábricas da cidade. Muitas tem menos de 18 anos, usam carteiras de identidade falsas, se submetem a jornadas de trabalho extensas, uma folga ao mês, salário baixo (de 50 a 100 dólares por mês), péssimas condições de moradia (em um galpão dormem 12 pessoas) e só podem contar com elas mesmas.

A autora cita o caso da empresa Carrin Eletronics, fabricante de despertadores, calculadoras e calendários eletrônicos, onde as operárias trabalhavam em condições precárias e dormiam em camas amontoadas perto de um vaso sanitário; os quartos eram sujos e cheiravam mal. A comida da cantina também era ruim: uma refeição consistia em arroz, um prato de carne ou legumes, e a sopa era aguada" (p.13). O prolongamento da jornada de trabalho se estende por 13 a 14 horas: "O dia na linha de montagem se estendia das oito da manhã até a meia-noite – treze horas de trabalho, mais dois intervalos para refeições –, e as operárias trabalhavam diariamente, semanas a fio. Às vezes, na tarde de sábado, não tinham de fazer hora extra, e era sua única folga. Ganhavam 400 iuanes por mês – o equivalente a 50 dólares – e quase o dobro disso com as horas extras, mas muitas vezes o pagamento atrasava" (p. 13).

Além dos baixos salários, elas são obrigadas a agüentarem os chefes mal humorados, postos de trabalhos não adequados, dormitórios sujos e mal cheirosos, descontos/multas por coisas simples como um atraso, receber visita no dormitório, falta por motivo de doença, argumentar com o chefe. Além da jornada extenuante, quem se acidenta, adoece ou engravida tem que se virar sozinho. Os governos locais oferecem poucos incentivos para protegerem os trabalhadores; sua função é agradar os empresários, o que contribuirá para aumentar os investimentos e a arrecadação. Mas sofrer em silêncio não é exatamente o que os trabalhadores migrantes desejam. Os migrantes, hoje, já são mais de 130 milhões [mas há pesquisas que indicam de 200 a 300 milhões], restaurantes, canteiros de obras, serviços de entrega, limpeza doméstica, creches, elevadores, coleta de lixo, barbeiros, bordéis. Nas grandes cidades como Pequim, Xangai, os migrantes atingem um quarto da população; no sul da China, nas cidades industriais, são eles que mantêm em funcionamento as linhas de montagens (p. 19). A própria burocracia governamental passou a considerar a migração um aspecto essencial para o desenvolvimento do país. O fluxo migratório é tão forte que está deixando as aldeias sem jovens. O dinheiro enviado para casa pelos migrantes para seus familiares já é a maior fonte de acumulação de riqueza no interior da China.

Na segunda parte do livro, Chang trata da propriedade comunal da terra, que ainda não foi privatizada, mas o capital vem penetrando rapidamente, ocupando os espaços geográficos, se apropriando de vastas extensões de terra, construindo prédios, instalando fábricas por todo país. A autora resume, assim, a atual situação do campo: "Hoje, a agricultura não traz muitas vantagens econômicas; as áreas de cultivo das famílias, em média com pouco menos de quarenta acres, são por demais pequenas para dar lucro. Em, toda a China, no entanto, o cultivo familiar subsiste, pois é o que as pessoas sempre fizeram. A terra é menos uma fonte de renda que uma apólice de seguro: a garantia de que a pessoa poderá sobreviver e não passará fome. A permanência desse vínculo com uma propriedade agrícola familiar tem contribuído para estabilizar a China numa época de migrações em massa" (p. 244). Isso parece ser bastante positivo, pois sugere que, ainda assim, as grandes cidades não geraram as favelas gigantescas do mundo desenvolvido, já que o migrante que não consegue recomeçar a vida na cidade pode sempre retornar para a aldeia e encontrar alguém lá. Na aldeia chinesa, tradição e modernidade se entrelaçam; enquanto isso, as relações pessoais e interpessoais, os dramas familiares, as "questões do modo de vida" seguem existindo em uma sociedade marcadamente complexa e contraditória.

De acordo com Chang essas garotas buscam ascensão social e profissional, mas muitas vezes esbarram na falta de preparo técnico. Por virem de famílias agricultoras humildes, muitas tem escasso conhecimento, mal sabem escrever, tem baixa autoestima e por isso não acreditam que são capazes de aprender alguma coisa. As que conseguem superar essa barreira conseguem emprego melhor e melhor condição de moradia. A restauração capitalista tem significado a destruição das conquistas sociais obtidas com a revolução e faz com que os trabalhadores voltem à situação de semi-escravidão da qual conseguiram se liberar em 1949. Novamente, os trabalhadores precisarão levantar a cabeça. Não significa que a burocracia tenha conseguido todos seus intentos. Mas há uma ofensiva por parte do patronato e do estado em destruir essas conquistas históricas dos trabalhadores. Por isso mesmo, tem havido mobilizações, luta, resistência, conflitos e greves. E não há livre organização para os trabalhadores e nem livre manifestação de pensamento. Daí decorre o grande número de dissidentes e intelectuais e militantes presos e perseguidos pela burocracia estatal.

O socialismo – que na concepção marxiana – seria uma sociedade igualitária, sem classes - só poderia ser construída através de uma economia planificada em nível internacional. Nesse sentido, a teoria do socialismo em um só país, bem como a concepção social-reformista não conseguiram avançar em direção a uma nova sociabilidade para "além do capital". A própria emancipação da mulher exigiria a substituição da opressiva família patriarcal – onde o trabalho doméstico não seja mais um fardo pesado – por uma

nova ordem social em que as crianças sejam protegidas e bem educadas. A maioria das mulheres chinesas continua presa à instituição familiar, onde as trabalhadoras estão sujeitas a dupla jornada: o trabalho doméstico e o trabalho fabril.

Dada à complexidade da realidade social chinesa, torna-se importante uma análise mais profunda da formação da classe trabalhadora nos marcos de uma sociedade em que são os próprios trabalhadores que estão produzindo as riquezas, que estão edificando a China como "fábrica do mundo", mas é quem mais se sacrifica e não se apropria dos benefícios. Hoje a questão deve ser repensada claramente a partir do fenômeno da sociedade de classes. Paradoxalmente, em um país "socialista" que deveria livrar-se das relações de produção capitalistas, tem permitido que a divisão de classe penetre profundamente nas relações sociais. Ou seja, ironicamente, na "pátria do socialismo" ainda é possível verificar uma exploração capitalista brutal e profundas desigualdades sociais. Caberia aqui a metáfora do "ornitorrinco" cunhada pelo conceituado sociólogo Francisco de Oliveira, para designar uma sociedade marcada pelo hibridismo de suas relações sociais de produção. Onde o atraso secular e o primitivismo dessas relações sociais combinam-se com a última palavra da técnica moderna. Uma sociedade onde coexistem prolongadas jornadas de trabalho que se assemelham ao processo de acumulação primitiva, regime de exploração e precarização do trabalho, desigualdades sociais, baixos salários e a concentração de riqueza por parte das grandes empresas transnacionais. Tudo isso integra uma política deliberada do Partido Comunista Chinês (PCCh) e da burocracia que controla o poder.

Sem dúvida, o trabalho de Leslie Chang traz importantes informações, sobretudo quando se trata de um tema e de uma realidade pouco conhecidos no ocidente. Nesse sentido, o livro cumpre um papel muito importante, que é de trazer a lume o processo de globalização e de mundialização do capital que tem penetrado tão profundamente na sociedade chinesa, afetando tanto as condições materiais de existência, bem como no plano da subjetividade, das relações pessoais, interpessoais e culturais. Esse é um aspecto positivo do livro. Mas falta ao trabalho uma análise das grandes mobilizações, das greves, da luta dos trabalhadores que buscam organizar-se nos sindicatos de forma autônoma em relação ao regime de partido único e a burocracia que controla o aparato de Estado. Dos jovens que lutam por liberdade, por melhores condições de vida e trabalho. Da onda de suicídios de jovens que tem aumentado nos últimos anos. Diante desses fatos, a autora simplesmente silencia! Também não há uma crítica profunda às instituições burocráticas e nem ao regime de partido único, limitando-se a afirmar que a corrupção está em todos os poros da sociedade chinesa. A corrupção está em toda parte: nas instituições, nas fábricas, nas grandes corporações etc.

Para a professora associada da **Hong Kong University of Science and Technology** e vice-diretora do **Social Service Research Center** de **Pequim**, Pun Ngai, em sua tese de doutorado publicada sob o título **Made in China.** Women Factory Workers in a Global Workplace, em 2005, pela Duke University Press, que tem estudado profundamente as condições de trabalho dos migrantes, sobretudo das mulheres, tem apontado uma nova perspectiva para as lutas sociais em todo país: "Se não houver uma mudança na política estatal, eu prevejo mais greves. Por causa da crise social, todos os conflitos entre capital e trabalho se tornam cada vez mais profundos. E não se vê ninguém que seja capaz de intervir nesse processo. O Estado aprovou algumas leis buscando regular, mas as empresas simplesmente não as colocam em prática. Assim, a crise irá se aprofundar, e isso resultará em mais greves" (Entrevista ao Instituto Humanitas, 15-07-2011).

Como se vê, a socióloga Pun Ngai prevê o desenlace de um amplo movimento grevista na China. Pun Ngai faz um pequeno balanço da relação entre capital e trabalho na última década: "As greves na **China** começaram em 2003-2004 e agora também há muitas greves, mas são pouco conhecidas. Ninguém se interessa por elas, a menos que, como aconteceu na **Foxconn**, as pessoas comecem a se suicidar. Nesse caso, abriu-se um espaço no qual começamos a discutir a questão das greves. A da **Honda** ocorreu em maio de 2010, quando na Foxconn já haviam se suicidado 10 trabalhadores, e, portanto, essa havia se tornado uma questão importante. Esse é um encorajamento para os trabalhadores que querem fazer greve, mesmo que a legislação sobre o direito à greve seja ambígua. Se toda a sociedade, a mídia, os intelectuais, os estudantes se solidarizam com os trabalhadores em greve, então, a longo prazo, esse é um fenômeno positivo" (Idem, Ibidem).

O livro de Leslie Chang, pela gama de informações apresentadas, merece ser lido e analisado do ponto de vista crítico, mas sem perder a importância e o mérito. Deve ser aconselhado para estudantes, professores, sociólogos, historiadores, educadores e áreas afins.

Referências

ANDRADE, M. & FAVRE, L. A **Comuna de Pequim** – A revolta dos estudantes contra os mandarins vermelhos. São Paulo: Ed. Busca Vida, 1989.

ANTUNES, R.. A revolução de 1917 e a tese do socialismo em um só país. In: COGGIOLA, O. (org.) **A revolução de outubro sob o olhar da história.** São Paulo: Scritta, 1997.

DRUMMOND, C. **Viagem à Grande China**. São Paulo: Scritta, 1994.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, I. **O marxismo, hoje.** Entrevista. São Paulo: Crítica Marxista, n. 2, Brasiliense, 1999.

NGAI, Pun. **Made in China**: uma questão de classe - IHU - Instituto Humanitas www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com...i. A entrevista é de Davide Bubbico e Devi Sacchetto, publicada no jornal Il Manifesto, 15-07-2011. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Referência

CHANG, Leslie T. **As garotas da fábrica** – da aldeia à cidade, numa China em transformação. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

Resenha recebida em 23/02/2012 e aceita para publicação em 13/06/2012